



Novelas do Minho

CAMILO CASTELO BRANCO

JVA EDITORA

CAMILO CASTELO BRANCO

Novelas do Minho

Primeira publicação: 1877

Edição de domínio público

JVA Editora

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Novellas do Minho

Volume I

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA LIVRARIA-EDITORIA
Rua Augusta, 50, 52 e 54 1903

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XVII

NOVELLAS DO MINHO

VOLUMES PUBLICADOS

- I—Coisas espantosas.
- II—As tres irmans.
- III—A engeitada.
- IV—Doze casamentos felizes.
- V—O esqueleto.
- VI—O bem e o mal.
- VII—O senhor do Paço de Ninães.
- VIII—Anathema.
- IX—A mulher fatal.
- X—Cavar em ruinas
- XI }
 } Correspondencia epistolar.
- XII }
- XIII—Divindade de Jesus.
- XIV—A doida do Candal.
- XV—Duas horas de leitura.
- XVI—Fanny.
- XVII }
- XVIII } Novellas do Minho.
- XIX }

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54 1903

LISBOA Officinas Typographica e de Encadernação Movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º 1903

I

GRACEJOS QUE MATAM

Isto de querer ter graça e de fazer rir os outros anda por boa gente no dia de hoje.

Theatro de Manoel de Figueiredo. Censores do theatro, T. VI,
pag.
36

Ao Dr. Thomaz de Carvalho

GRACEJOS QUE MATAM

Ordinariamente, chamam-se á franceza—*espirituosos*—uns sujeitos dotados de genio motejador, applaudidos com a gargalhada, e aborrecidos áquelles mesmos que os applaudem. São os caricaturistas da graciosidade.

O «*espirituoso*», á moderna, abrange os variados officios que, antes da nacionalisação d'aquelle estrangeirismo, pertenciam parcialmente aos seguintes personagens, uns de caza, outros importados:

Chocarreiro—tregeiteador—arlequim—palhaço—proxinella—polichinello— —maninêllo—truão—jogral—goliardo—histrião—farcista—farçola—végete— —bobo—pierrot—momo—bufão—folião, etc.

Esta riqueza de synonymia denota que o *bobo* medieval bracejou na península iberica vergontes e enxertias em tanta copia que foi preciso dar nome ás especies.

Ora, o «*espirituoso*» tem de todas. A antiga *jogralidade*, que era mestér vil, acendrada nos secretos crizoes do progresso social, chegou a nós afidalgada em «*espirito*», e com o fôro maior de faculdade poderosa, caustica, implacavel.

Ainda assim o estreme *espirito* portuguez, por mais que o afiem e agucem, é sempre rombo e lerdo: não se emancipa da velha escola das farças: é *chalaça*.

Ha poucos mezes, falleceu em Lisboa um «*espirituoso*» que andou trinta ou quarenta annos a passear a sua reputação entre o Chiado e

o Rocio. As gazetas, ao mesmo passo que nos inculcavam o defunto como pessoa que vivêra aventurosamente uns setenta annos tingidos com primoroso pincel, descontavam n'estes defeitos a sua immensa graça, e reproduziram nova edição melhorada das suas anedotas.

Averiguado o «espirito» do homem em coisas burlescas de que fez mercancia na feira politica, liquida-se, quando muito, um folião que desbragava a penna e desembestava asselvajadamente o insulto. Por este, que não deixou nome sobre-vivente para vinte quatro horas—nem o terá aqui—orça a maioria dos jograes que tenho visto, nos ultimos trinta annos, esburgar o osso da facção que lhes alquilla o engenho detrahidor, e acabarem antes da geração que os galardoou com a moeda falsa das rizadas.

O satyrico de sala e botequim é mais funesto e menos trivial que o politico; mais funesto por que vulnera melindres—coisa que o callôso peito da politica não tem nem finge; menos trivial, porque o chiste de Sterne, de Byron, de Voltaire, do padre Isla, de Heine e Boerne não apégou aqui, nem se adelgaça á feição da nossa indole, bem accentuada nas chocarrices plebeas de Gil Vicente e Antonio José.

É mais funesto, repito; por que me occorre hoje, regressando das Caldas de Vizella, uma historia funestissima de que só eu posso lembrar me. Duas chalaças terçadas entre dois amigos, cavaram sepulturas de vidas e honras. Se as novellas podessem ensinar alguma coisa, corrigindo aleijões da alma, eu pediria aos gracejadores que lessem isto; e, nas occasiões em que a lingua lhes descabe na bocca, engrossada pela opilação da dicacidade, a refreassem com os dentes.

* * * * *

Era em 1851.

Apresso me a declarar que, no tocante a nomes e localidades, desfigurei tudo, salvo generalidades vagas e o logar em que principia a narrativa. O que menos monta na exactidão da historia é o que ahi se illide. Nomear pessoas e terras seria denunciar inutilmente um crime. O criminoso está diante do Juiz inappellavel, e seus filhos innocentes respeitam-lhe a memoria.

Era, pois, em 1851, aos 15 de junho, nas Caldas de Vizella.

Entre os salgueiros que enverdecem uma ilhêta acima da ponte, que hoje chamam «velha», á hora de sesta, emboscaram-se sete pessoas que preferiam aquelle frescor acre do arvoredado, golpeado por meandros do rio, ao cheiro sulphuroso e até sulphydrico da «Lameira».

O grupo compunha-se de pessoas de diversas procedencias:

D. Helena da Penha, chamada na sua terra a *Morgada velha*. Cincoenta e tantos annos, viuva do capitão-mór de Athey, educada em convento, murmurando da educação e dos costumes do claustro, d'onde sahira com incertos conhecimentos do cathecismo, e alguma instrucção em bisca sueca, e no *Feliz independente* do padre Theodoro d'Almeida. Excellente senhora que se conteve viuva desde os trinta e dois annos viçosos e temperados sanguinamente para não dar padraсто á filha unica.

D. Irene, a *Morgada nova*, vinte e sete annos, galante, mais menina que a sua idade, cheia de denguiques, amimada, acriançando-se em tregeitos e dizeres, descompondo os artificios pueris com uns ares de desgarro e desinvoltura—em bom sentido, aliás.

Decerto já observou, leitor, em senhoras de provincia um desembaraço bronco, um remecherem-se e bacharellarem despropositadamente,—desaires resultantes de lhes haverem dito que o pejo e o acanhamento são indicios de educação aldeã. Estes